

Para Delfim é um grave erro fazer proposta que ainda não está delineada

por Maria Christina Carvalho
de Londres

Apresentar uma proposta aos credores quando ela ainda não está delineada é um grave erro que só contribui para reduzir mais a credibilidade do Brasil no mercado internacional. A opinião é do deputado e ex-ministro Antônio Delfim Netto, que está em Londres "para fazer contatos com alguns amigos", depois de uma passagem pelo Japão.

Entre esses amigos estão alguns banqueiros que, segundo o ex-ministro, não entenderam nada da proposta que está sendo levada pelo governo brasileiro de converter metade da dívida com os bancos comerciais — US\$ 32 bilhões — em títulos de longo prazo.

Para Delfim Netto, a proposta deveria ter sido exaustivamente analisada antes de ser colocada aos banqueiros internacionais, de modo que todas as dúvidas fossem satisfatoriamente respondidas.

"A proposta deveria ser fechada de modo a ser defendida técnica e juridicamente. Mas não, o governo não teve a preocupação de saber o que vai acontecer com a contabilidade dos bancos que terão de fazer o 'white off' dos descontos. As características do papel não estão definidas, nem seu prazo, se é de 25 ou 35 anos, qual a carência. Se ela está incluída. Também não se pensou como os bancos vão fazer o 'funding' dos títulos, que corresponderiam aos empréstimos de longo prazo a taxas flutuantes, que agora teriam taxas fixas mas ainda assim dependeriam de um 'funding' a juros flutuantes."

Segundo o ex-ministro, parece que a própria equipe econômica do governo não sabe o que quer. E lançou o plano como uma isca, um balão de ensaio, "que pode ser uma técnica de negociação para sentir a reação dos credores". Mesmo assim critica a postura dizendo que "estão reduzindo o Brasil ao 'status' do Peru" em termos de credibilidade.

A manifestação de alguns bancos, de que analisariam a proposta, não é animadora para Delfim Netto. "Não se deve confundir educação com boa aceitação. Ninguém vai recusar-se a analisar uma proposta, mas na prática ninguém ainda entendeu do que se trata, pois não há nada de concreto. Eles querem mais detalhes a respeito do papel. Há uma séria suspeita de que nem

mesmo os brasileiros sabem o que querem."

Delfim Netto é mais mordaz quando é lembrado que os próprios membros da equipe econômica dizem estar preparados para uma demora na compreensão do plano. "Isso é subestimar a inteligência deles. Parece que Einstein levou dez anos para ser compreendido, mas ele sabia o que estava fazendo."

O único ponto que Delfim considera positivo é o fato de o Brasil estar fazendo alguma coisa após a moratória, declarada no final de fevereiro, para ele, um "ato insensato, que destruiu o crédito do Brasil no exterior". E continuou: "Por que o governo soviético está pagando as dívidas do Czar? Porque este é um baile de 'smoking' e ninguém pode entrar de cuecas".

A solução dos problemas na área externa é a mais fácil, disse o deputado, relutando em fazer sugestões: "Como homem de oposição minha postura é criticar o que está aí", disse, mas afinal afirmou que o governo deveria pagar 60% dos juros devidos e capitalizar ou transformar em investimento direto o restante. Conforme disse, o Brasil já demonstrou que pode gerar bons superávits na balança comercial e estimular a poupança interna mais do que a Argentina, Venezuela e Colômbia.

Já o principal ele não vê condições de ser quitado. "A dívida não vai ser paga. Espera-se que o mundo cresça e ela perca a importância. Com as exportações crescendo acima dos juros é possível servir a dívida."

E exemplifica: o governo do Japão acabou de privatizar sua estrada de ferro que tinha um déficit de US\$ 170 bilhões e devia US\$ 270 bilhões. "Só para este governo a dívida não tem solução."

Delfim Netto afirma que o governo "se aferra ao problema externo pois é incapaz de resolver o interno". O problema externo, para ele, se resolve com "inteligência e coragem, mercadorias escassas no PMDB". Já o problema interno é ajustar o tamanho do Estado. O déficit público, lembrou, que era de 1,6% do PIB em 1984, cresceu bastante nos últimos dois anos. "O governo é um grande pernil do qual os partidos se servem. Os órgãos do governo são diretórios regionais do PMDB. No ano passado, as reservas internacionais foram destruídas e o déficit cresceu sete vezes para que as eleições fossem ganhas."